

# internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

## Donald Trump escolhe novo embaixador para o Brasil

Embaixada em Brasília está há mais de 16 meses sem representante

/ ESTADOS UNIDOS

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, indicou Daniel Perez para o cargo de embaixador no Brasil. Porém, a nomeação ainda precisa ser aceita pelo Senado norte-americano. Se confirmada, encerrará um vácuo diplomático de mais de 16 meses na embaixada em Brasília.

A indicação ocorre em momento de tensão entre os países. Na última quinta-feira, o secretário de Estado Marco Rubio classificou o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV) como organizações terroristas. A decisão preocupou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que se apressou em rejeitar a medida.

Em nota publicada ainda na semana passada, o Planalto afirmou que não aceitará o uso de medidas arbitrárias vindas do estrangeiro como pretexto para atacar a soberania e a economia do País.

Especialistas explicam que a medida oferece um cardápio variado para a intervenção de Trump no Brasil. As ações podem incluir desde embargos econômicos até operações militares.

Até o Pix pode se tornar alvo de sanções norte-americanas por meio dessa designação, em meio a contestações americanas de que seria uma prática anticoncorrencial. Assim, poderia ser possível levantar barreiras tarifárias contra o sistema e até tentar derrubá-lo, alegando estar asfixiando o finan-



Daniel Perez, indicado por Trump para embaixada dos Estados Unidos

ciamento do crime organizado.

A disputa em torno do método de pagamento brasileiro começou após o Pix tomar uma fatia significativa do mercado e incomodar autoridades americanas e empresas do setor. O sistema substitui o uso do débito, visto que essa função dos cartões oferece taxas mais elevadas aos usuários.

Em julho do ano passado, os EUA abriram uma investigação sobre o sistema de pagamentos instantâneos no âmbito da Seção 301 da Lei de Comércio. A legislação permite ao governo Trump impor penalidades a países que adotem práticas consideradas desleais aos negócios americanos.

O ponto alto do esforço diplomático foi recente e ocorreu em 7 de maio, quando Lula passou mais de três horas na Casa Branca. Trump chamou Lula de “di-

nâmico”. No encontro, Lula pediu diretamente a Trump o encerramento do processo da Seção 301 “o quanto antes”. Os dois líderes concordaram em criar um grupo de trabalho para debater o impasse tarifário nos próximos 30 dias.

A embaixada em Brasília está sem embaixador titular desde janeiro de 2025, quando Elizabeth Bagley, indicada por Joe Biden, encerrou seu mandato antes da posse de Trump.

Perez foi eleito pela primeira vez para a Assembleia Legislativa da Flórida em 2017. Ele é filho de imigrantes cubanos e integra a primeira geração de cubano-americanos de sua família. O deputado é formado pela Universidade Estadual da Flórida (FSU) e possui diploma em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Loyola de Nova Orleans.

## UE fecha acordo migratório para ampliar deportações

/ EUROPA

A União Europeia (UE) avançou com uma ampla reforma de sua política migratória, com o objetivo de aumentar as deportações e firmar acordos controversos para construir centros de detenção no exterior - algo que grupos de direitos humanos comparam às políticas agressivas de imigração do governo do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

O acordo foi fechado entre as três principais instituições da UE - a Comissão Europeia, o Conselho Europeu e o Parlamento Europeu - durante um chamado

“trílogo”.

Segundo o vice-ministro da Migração do Chipre, Nicholas Ioannides, o novo regulamento vai acelerar o processo de retorno e aumentar o número de retornos de pessoas que não têm direito legal de permanecer na UE.

“A Europa não pode se dar ao luxo de mais um período de paralisia”, disse o deputado holandês Malik Azmani, que conduziu o regulamento no Parlamento Europeu.

“Há uma necessidade urgente de uma política de retorno eficaz, com taxas de retorno mais altas”, afirmou, acrescentando

que apenas 28% dos solicitantes de asilo rejeitados retornam ao país de origem, com a maioria permanecendo na UE.

Críticos compararam o novo regulamento às políticas migratórias do governo norte-americano, que firmou uma série de acordos pouco transparentes com países ao redor do mundo para deportar milhares de pessoas para nações que não são as suas.

O Reino Unido também planejou deportar migrantes para Ruanda, mas o plano ficou travado em disputas legais e foi abandonado quando um novo governo assumiu em julho de 2024.

## Israel e Líbano retomam negociações nos EUA em meio a bombardeios

/ ORIENTE MÉDIO

Representantes de Israel e do Líbano se reúnem em Washington nesta terça e quarta-feira, para a segunda rodada de negociações por uma trégua. Os negociadores libaneses devem buscar um cessar-fogo completo que impeça novos ataques no futuro. As conversas entre Israel e Líbano, iniciadas em abril nos Estados Unidos, foram as primeiras em mais de três décadas entre os dois países, que não mantêm relações diplomáticas formais.

No entanto, a segunda rodada de negociações ocorre em meio a um bombardeio israelense na região de Nabatiyeh, no sul do Líbano. A agência de notícias estatal libanesa National News Agency afirmou que um ataque com drone atingiu um carro em uma estrada que liga as cidades de Marjayoun e Nabatiyeh e matou um pai e seus dois filhos nesta terça-feira. O Exército do Líbano disse que dois soldados ficaram levemente feridos quando outro drone atingiu uma estrada na região.

Após os incidentes, o grupo militante Hezbollah afirmou que disparou mísseis antitanque contra tropas israelenses que avançavam em direção à vila de Hadaitha, a cerca de 7 quilômetros da fronteira com Israel.

As Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês) informaram que sirenes soaram em

várias áreas do Norte de Israel e acrescentaram que “um alvo aéreo suspeito” foi identificado na área em que soldados israelenses operam no sul do Líbano, mas que não houve feridos. Horas depois, o porta-voz em língua árabe das IDF, Avichay Adraee, ordenou que os moradores da cidade de An-Nabatieh deixassem suas residências e seguissem em direção ao Norte do rio Zahrani.

Um dia antes, o presidente norte-americano Donald Trump havia anunciado que Israel e o Hezbollah haviam concordado em reduzir os confrontos. A declaração foi feita após uma ligação com o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, e contatos com mediadores ligados ao Hezbollah.

Na segunda-feira, Israel ameaçou atacar os subúrbios ao Sul de Beirute, o que provocou pânico na capital libanesa e levou milhares de pessoas a fugir para áreas mais seguras, enquanto o Hezbollah lançava ataques contra o norte de Israel. Após as ligações, Trump afirmou que “não haverá tropas entrando em Beirute”.

Os combates representam um grande obstáculo à conclusão do acordo para pôr fim à guerra no Oriente Médio, que começou após os EUA e Israel atacarem o Irã em 28 de fevereiro. Teerã quer que qualquer proposta inclua um cessar-fogo completo no Líbano. O Hezbollah rejeitou negociações diretas e conta com o apoio do Irã.

## Marco Rubio diz que o fim do bloqueio em Ormuz depende do Irã

O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, afirmou que o bloqueio marítimo norte-americano no Estreito de Ormuz só será encerrado quando o Irã também interromper o controle de embarcações na região. “Ninguém aqui está implorando por acordo de paz. Se alguém está implorando, são os iranianos”, disse, ao ser questionado em testemunho no Senado na tarde de ontem.

Rubio negou que Teerã esteja mais forte atualmente do que antes do início da guerra, repetindo argumentos de que o país persa teria sido “destruído militarmente” pelos EUA e que não haverá alívio de sanções econômicas.

Ele evitou comentar questionamentos sobre a operação norte-americana realizada no ano passado, quando foi dito que o

programa de mísseis iraniano teria sido “completamente detonado”. Segundo o secretário, o Irã “está perdendo milhões de dólares por dia” com o bloqueio americano em Ormuz.

Sobre política externa, Rubio comentou ainda sobre a situação de Cuba, alegando que o país “não é controlado pelo governo, mas por militares”. Ele rejeitou alegações de que o bloqueio dos EUA seja responsável pela crise energética e humanitária na ilha, afirmando que os apagões em massa já aconteciam há muito tempo.

“O motivo é que os cubanos não investem dinheiro em infraestrutura de energia e esperam receber de graça, como faziam quando Nicolás Maduro estava no poder na Venezuela. A realidade não é assim”, disse.